

Estátuas do Rio São Francisco: A Voz do Outro, A Voz do Mesmo¹

Diosvaldo Pereira Novais Filho²

Rose Caroline Sousa Oliveira³

João José Santana Borges⁴

Universidade do Estado da Bahia, Seabra, BA

RESUMO

O presente artigo debruça-se sobre matérias, de seis portais *on-line*, acerca da problemática encontrada por vereador e pastores de igrejas protestantes, em imagens postas sob o Rio São Francisco, entre Juazeiro e Petrolina. Faz-se uma enunciação polêmica acerca das estátuas de Mãe d'água e Nego d'água, em que houve uma ressignificação dessas imagens. Como aporte teórico foram utilizados Mikhail Bakhtin, José L. A. Prado, Sérgio Bairon, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de discurso; Rio São Francisco; Imagem; Iemanjá; Nego d'água.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, realizada pelo grupo, procuramos desenvolver uma breve análise de mídia, a partir do banco de dados feito a partir dos seguintes mecanismos de busca, utilizados no *Google*: Intolerância religiosa no Vale do Rio São Francisco; Estátua de Iemanjá é retirada do Rio São Francisco; Vereador atribui falta de chuva às imagens colocadas sob o Rio São Francisco.

Com essas três frases, foram encontradas nove matérias, em blogs regionais e portais jornalísticos nacionais, a exemplo o *GI*, que abordavam o mesmo assunto. De antemão, as matérias apresentavam uma falta, uma vez que na grande maioria dos manuais jornalísticos, para uma boa matéria, se faz necessário a presença de pelo menos

¹ Trabalho apresentado no II08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Graduando do Curso de Jornalismo Multimeios na Chapada Diamantina do Campus XXIII da UNEB em Seabra/Bahia e bolsista do projeto de pesquisa e extensão Cercado de Saberes, voltado a educomunicação ambiental na Chapada Diamantina. Contato: diosvaldopereira@gmail.com.

³ Graduanda do IV semestre curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, do Campus XXIII da UNEB em Seabra/Bahia e bolsista do projeto de pesquisa e extensão “Perfil Fotoetnográfico das Populações Quilombolas do Submédio São Francisco: Identidades em Movimento”. E-mail: caroluneb15@gmail.com.

⁴ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2011). É professor permanente do Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação Cultura e territórios semi-áridos. Professor orientador do trabalho. E-mail: jjborges@uneb.br.

três fontes, sendo elas, uma oficial, uma oficiosa, um ou mais personagens, especialistas, enfim... Vozes – o “*Mesmo*” – foram ouvidas demais, e outras – o “*Outro*”⁵ – silenciadas ou pouco utilizadas para compor as matérias. A certeza disso se dá da seguinte maneira: das nove matérias clipadas, em apenas uma, a única do site *G1*, aparece à voz do Babalorixá, seguidor da religião de matriz africana, Candomblé, a qual as imagens foram vinculadas.

Para esta análise, fora empregados os mesmos conceitos utilizados por PRADO e BAIRON no artigo, *A invenção do Outro na mídia semanal*, ao qual mostra a noção de “*Outro*” como uma reflexão sobre a noção da fonte ouvida em menos reportagens, ou não ouvida, o “*Outro reduzido*”⁶. O segundo conceito que utilizaremos bastante se trata do “*Mesmo*”, aqui se trata dos sujeitos consultados na maioria das reportagens, do lado do “*Mesmo*” são postos as fontes que tem o mesmo tratamento do discurso, de forma muito semelhante, não havendo opiniões contrárias, nas referências que concernem ao outro.

Percebeu-se que, das nove matérias, o pastor José Kenaidy e o vereador Zenildo (PSD) aparecem em sete, seguido pelo pastor Ancelmo, que aparece em cinco matérias. O artista Lêdo Ivo, autor da obra, foi ouvido em duas matérias. O pastor Clayton Antônio, que se diz contra a iniciativa dos dois pastores citados acima, a Procuradora da Republica Polireda Madaly, como também o Babalorixá – ao qual se caracterizou como o “*Outro*” –, foram ouvidos em apenas uma matéria.

As matérias analisadas abordam discursos dos mais diversos pontos de vista. O vereador, Zenildo Nunes, que primeiro atribui a falta de chuva na região às imagens – após polemica, utiliza-se do dialogismo de reparação (BAKHTIN 1992, p.124), para falar em uma matéria do G1 Petrolina que foi mal interpretado.

Foram analisadas também falas de pastores, que questionam a legalidade em relação ao código civil, do ponto de vista da laicidade e da questão religiosa, como também falas de representantes de outras religiões, contrapondo com a afirmação feita pelos dois pastores, Kenaidy e Ancelmo.

Tentamos também atribuir qual abordagem que em cada matéria foi dada. Oito das nove matérias foram abordadas apenas o acontecido, classificamos essas, como

⁵ De acordo com PRADO e BAIRON (2010), o “*Outro*” está ligado às séries de paisagens culturais e políticas, juntamente com os seus valores, frente às quais a mídia estabelece distancias relativas, calculadas, homologadas ao afastamento que seu publico mantém.

⁶ Chamamos de reduzido porque a alteridade mostrada nas reportagens resulta moldada aos enunciadores naturalizados ao mesmo. (PRADO e BAIRON, 2010).

matérias factuais – matérias que só informavam. Apenas uma matéria aproxima-se a um tom de denúncia – buscando acionar as autoridades quanto à intolerância religiosa ou a falta de estudo/compreensão do *Outro* a partir do *Mesmo*, que nesse caso, está ligado à imagem dos/do pastores/vereador.

Metodologias utilizadas

No primeiro momento, foram construídos banco de dados com as clipagens das matérias dos portais: *Carlo Britto, MTAgora – Gospel Prime, Diário de Pernambuco, Bahia Notícia, G1 e Noticias de Santa Luz*, que foram publicadas entre os dias 13/10/2015 a 11/11/2015. Na segunda etapa, conseguiu-se contabilizar um total de nove matérias que foram sendo recortados os discursos em falas para serem analisadas. Percebendo desde as vozes que mais foram ouvidas às que pouco aparecem na mídia, como também a abordagem que cada matéria teve.

A partir dessa seleção, no banco de dados das matérias, foi feita uma primeira leitura da equipe, visando separar as falas e as contraposições encontradas.

“O texto é um objeto de significação e seu estudo constitui uma abordagem de ordem mais internalista. Entretanto, há uma abordagem mais externalista, em que o texto é um objeto de comunicação. Tentaremos abordar os dois lados do texto.” (PRADO; BAIRON, 2010 p. 256).

Utilizamos para esse estudo, as metodologias básicas propostas por Prado e Bairon (2010), que vai desde as análises de textos às análises discursivas, abordando principalmente o nível narrativo – localizar os valores assumidos pelos sujeitos da narrativa (PRADO; BAIRON, 2010 p. 256) –, discursivo – opera sobre os mesmos elementos que a análise narrativa, mas retomam aspectos que tenham sido postos de lado (BARROS, 1990, p. 54) –, e o nível fundamental – saber por que uma determinada oposição comparece no texto e a que oposição discursiva social ela corresponde, dentro ou fora do campo jornalístico (PRADO; BAIRON, 2010 p. 261).

Olhares diferentes para o mesmo signo

As lendas indígenas e africanas se sincretizam no Brasil ao ponto de Iara, Yemanjá, Nanã, Oxum e Mãe d’água, se tornarem o mesmo símbolo. No folclore ela assume a face de Iara ou Uiara, uma entidade do folclore brasileiro de uma beleza fascinante. Por ser uma sereia, enfeitiça os homens facilmente por ter a metade superior de seu corpo com formato de uma linda e sedutora mulher. Já a parte inferior do seu

corpo em formato de peixe não é muito notada, por estar submersa em água, assim como a lenda europeia.

No Candomblé, Umbanda e Quimbanda, ela se transforma em três Orixás, sendo Nanã o desenho do princípio feminino nos mitos da criação do universo, o Orixá feminino mais antigo, dona das águas paradas. Iemanjá retrata nos templos africanos como uma mulher de seios fartos e semblante calmo, porém decidido, associada ao movimento das águas e à fertilidade, dona dos mares e águas salgadas. Oxum dona dos rios e cachoeiras, Orixá de grande poder de sedução, símbolo de graciosidade e elegância.

Na Umbanda, Iemanjá é a sustentadora do povo d'água como marinheiros e sereias. Já na Quimbanda sua força também está presente em todas as entidades que possuem o nome "Maria", como Maria Padilha, Maria Mulambo, Maria do Cais, Maria do Congo, etc. Já a linha de Oxum, é uma sub-linha de Iemanjá, que representa o povo da água doce, das cachoeiras. As entidades ligadas a Oxum são na maioria femininas, exceto os caboclos das Cachoeiras que são uma ligação a ela com Xangô.

A representação que ocorreu com o signo da imagem de Mãe d'água, surge a partir do momento que o objeto físico converte-se em signo, quando, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir em certa medida outra realidade. Segundo Bakhtin, tudo o que é ideológico possui um significado que remete algo que existe fora de nós mesmos. Bakhtin entende que o domínio da ideologia convém com o domínio dos signos; pois tudo que é ideológico é um signo e sem signos não existe ideologia (BAKHTIN, 2006) o papel dos signos na vida e no pensamento humano, surge da natureza do enunciado na linguagem. Ele afirma ainda que:

“Um instrumento pode ser convertido em signo ideológico: é o caso, por exemplo da foice e do martelo como emblema da União Soviética. A foice e o martelo possuem, um sentido puramente ideológico” (BAKHTIN, 2006 p. 30)

A mesma representação acontece com a imagem do Nego D'água, mas não existe um símbolo com o mesmo peso que a imagem, pois as histórias do Nego d'água são próprias dos ribeirinhos, como é o caso dos moradores da cidade de Petrolina e Juazeiro.

Como aparecem o *Mesmo* e do *Outro* na mídia?

No início da reportagem do portal G1, o jornalista utiliza-se de um discurso direto em sua abordagem, no intuito de fortalecer seu argumento através da transposição da fala do outro (da fala do Babalorixá). A forma escolhida pelo jornalista para apreensão do discurso do Babalorixá foi a utilização do discurso direto e, mormente o indireto incorporando-o bem na semântica do texto. Na transposição da fala do outrem o jornalista utiliza-se da expressividade, explícita na regulação da pontuação, que fornece uma nova entonação ao contexto narrativo:

Adeilson Ty Logun Edé (Babalorixá): “Não deixa de ser preconceito com a nossa religião. É uma imagem que existe em muitos outros lugares, como em Salvador, e nem por isso falta chuva na região”.

Para Bakhtin, existem várias formas de apreensão do discurso do outrem. O uso do discurso direto aparece como forma de fortalecer a contraposição da reportagem em relação à matéria anterior, utiliza-se da fala do Babalorixá para contrapor a afirmação do vereador que se posiciona a favor da retirada do monumento e associa a presença da estátua á seca do rio.

O babalorixá, Adeilson, que também aparece nas reportagens como representante do candomblé, destacou que o comentário veio de uma pessoa que não entende nada sobre a religião.

Adeilson Ty Logun Edé (Babalorixá): “Particularmente acho que é uma pessoa ignorante. Aquela imagem não tem nada a ver com o que ele se pronunciou. Até onde eu vi, o que ele disse é de alguém mal informado”.

Neste contexto, Bakhtin destaca que a utilização de uma ou outra forma para apreensão do discurso de outrem depende muito do objetivo que o autor do contexto narrativo quer alcançar, na reportagem assim como no discurso da retórica há uma grande preocupação com a utilização autêntica da fala da fonte uma vez que o veículo objetiva demonstrar imparcialidade no contexto narrativo. Tal proposição justifica a transposição literal da fala do Babalorixá no contexto narrativo da reportagem. Pois o discurso direto “tem de forma inerente um sentimento agudo dos direitos de propriedade de palavra e uma preocupação exagerada com a autenticidade” (BAKHTIN, 2006).

No caso desta matéria a dominante do discurso deixa de ser o próprio discurso, ou seja, o discurso do outrem apreendido pela transmissão da fala do Babalorixá, cuja voz pelo poder argumentativo passa a ser responsável pelo desenvolvimento do

contexto narrativo da reportagem. Bakhtin define isso como um deslocamento do poder do discurso:

“Mas existe também outro tipo na qual o dominante do discurso é deslocado para o discurso citado, este se torna por isso mais forte e mais ativo que o contexto narrativo que o enquadra” (BAKHTIN, 2006 p. 154).

Em consonância com Bakhtin o discurso do outrem tem autonomia sintática e semântica própria, mas nem por isso deixa de alterar o discurso ao qual foi introduzido a exemplo da semântica dessa matéria que teria um sentido diferente sem a transposição literal da fala do Babalorixá.

A maneira como o jornalista incorpora a fala do Babalorixá no conteúdo de seu contexto narrativo acontece de forma a diluí-la totalmente em seu discurso num diálogo. Os usos dessas regras no texto estão intrinsecamente ligados às tendências presentes em nossa língua, explícita no ato de dar a fonte o direito de resposta, considerada como regra na elaboração da reportagem. Bakhtin destaca que tais tendências presentes na língua não são elaboradas pelas consciências individuais, mas são organizadas socialmente por grupos de indivíduos numa unidade social. Entende-se nesta perspectiva que é a própria língua que atesta e formaliza estas regras. Pois “são socialmente pertinentes e constantes e que, por consequência tem seu fundamento na existência econômica de uma comunidade linguística dada”. (BAKHTIN, 2004, p. 146)

Estas regras permitem a penetração de um discurso do outro na matéria, cuja interpenetração é utilizada como estratégia para facilitar a compreensão do leitor e persuadi-lo.

Seria desrespeito ou falta de estudo do *Outro* a partir do *Mesmo*?

O jornal *Gospel Prime* em sua abordagem escolhe e prioriza uma fonte que se posiciona em relação ao pedido da retirada da estátua de Iemanjá logo no *lead*: “As estátuas são consideradas um desrespeito à separação de religião e estado, pois as águas do rio pertencem à União”. Esta transposição do discurso direto para o indireto do *lead* denota uma ideologia implícita do jornal quando se utiliza do termo “*desrespeito*” para referir a presença da estátua no rio.

Bakhtin entende a linguagem como a instância máxima do signo capaz de representar qualquer forma ideológica, é o maior espaço social condicionante da produção de signos. O uso do termo “*desrespeito*” é tido como uma expressão da ideologia religiosa do jornal *Gospel Prime* neste contexto, pois para Bakhtin, “a palavra

pode preencher qualquer espécie de função ideológica, estética, científica, moral, religiosa”. A palavra assim é tida como uma espécie de signo interior que permite a expressão da consciência interior sem nenhuma aparelhagem.

Segundo Bakhtin, a base da ideologia está no social, assim para entender como algumas representações ideológicas conseguem sobrepor-se a outras, é necessário remeter ao que Bakhtin considera ser inerente a ideologia ao lugar de poder. Os religiosos neopentecostais em seu lugar de poder, apossam-se do espaço midiático concedido pela própria empresa *Gospel*, para utilizar-se do artigo da constituição que remete a laicidade como forma de justificação ideológica. Para Bakhtin, a ideologia justifica-se em prol de seu grupo fundador. Tal proposição se exemplifica nesse trecho da fala dos pastores:

José Kenaidy e Ancelmo: “Não é uma questão de religião, é uma questão de legalidade e direitos civis. O ambiente público é para todos. Discutimos internamente com pastores a questão da legalidade em relação ao código civil, do ponto de vista da laicidade e da questão religiosa”.

Segundo Bakhtin, toda transformação ideológica inicia-se primeiro na base econômica para depois refletir na produção simbólica, ou seja, primeiro há uma evolução social da classe religiosa e esta passa a ser representada no mundo simbólico, na produção midiática através da expressão das fontes no jornal, por meio da influência da bancada evangélica em relação a legislação, pois para Bakhtin, “toda esfera ideológica se apresenta como um conjunto único e indivisível, cujos elementos sem exceção reagem a uma transformação da infraestrutura”. Segundo Bakhtin ignorar tal singularidade de um fenômeno ideológico desconsiderando as causas deste fenômeno (neste caso o religioso) sem relacioná-lo a infraestrutura leva a sua incompreensão e a um “reducionismo do real”.

“A essência do problema daquilo que nos interessa liga-se a questão de saber como a realidade (a infraestrutura) determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação” (BAKHTIN, 2006 p. 40).

Assim, a compreensão da expressão ideológica contida nesta fala na matéria só pode se dar pelo entendimento da causalidade dessa expressão na linguagem, oriunda da evolução social religiosa.

Imagens e símbolos interferem na situação climática de Juazeiro e Petrolina

Recorte do segundo parágrafo da matéria Após repercussão, vereador voltou atrás e disse que foi mal interpretado, disponível no G1: “Depois que colocaram a estátua, nunca mais choveu em Petrolina”, disse o vereador,

destacando que a estátua de Iemanjá, ou Mãe d'água, é responsável pela estiagem prolongada na região. Ele foi além e disse que o rio continuava secando e que a situação só iria melhorar quando tirasse a estátua. Depois da repercussão, Zenildo disse que foi mal interpretado. Segundo ele, o problema está na forma como a estátua foi construída dentro do rio.

A abordagem que o jornal faz ao dar destaque a fala do vereador na intencionalidade de que se estabeleça uma forma de dialogismo reparativo, de maneira que o vereador justifique sua fala. Remete certamente à importância que Bakhtin confere a significação das formas linguísticas, para ele é comum que as pessoas não deem tanta importância a significação de tais formas, normalmente a dimensão pragmática das palavras só é considerada quando o efeito se dá de forma diferente daquele pretendido pelo autor do discurso. Como nesse caso, o vereador, percebendo o impacto de suas palavras, volta e retoma o discurso utilizando novos termos linguísticos na intencionalidade de modificar tal interpretação. Para Bakhtin, só se atribui grande significação aos termos linguísticos nos momentos de conflito. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes á vida (BAKHTIN, 2006 p. 96).

As palavras nesta perspectiva exercem um sentido muito forte de coerção: o vereador utiliza-se do termo “impacto ambiental” para persuadir o público de que é a presença da estátua no rio é errada, deixando de lado seu argumento utilizado em outra fala, quando ele tem a percepção que este não teve o efeito esperado. Assim para Bakhtin, o membro de uma comunidade linguística geralmente não percebe nunca o caráter coercitivo das normas linguísticas. Tal caráter coercitivo pode ser expresso na fala do vereador quando este se põe a fazer a retaliação:

Vereador Zenildo: “Não tenho nada contra a imagem e nada contra Iemanjá ou a Mãe D'água, tenho carinho e respeito pelos devotos. Eu sou contra, da forma como foi construída, como foi levada para o rio, porque ali foi barro, foi cimento, areia. Pode ter um material que não se dá bem junto com água”.

Em sua retaliação o vereador inova utilizando novos termos linguísticos para persuadir o leitor da matéria, utilizando inclusive a repetição de palavras que remetem ao impacto ambiental: “Rio, barro, cimento areia”, de maneira que o leitor ao ler fique preso a estes termos linguísticos. Os termos que remetem ao impacto ambiental são inerentes a uma ocultação ideológica, pois: A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (BAKHTIN, 2006 p.96).

Quando a palavra se volta contra o enunciador

Falácias são erros de argumentação, ou, em um sentido mais exato, argumentos que dão a impressão de serem válidos ou mesmo corretos, mas que não são. No domínio da lógica, uma falácia consiste no ato de chegar a uma determinada conclusão errada a partir de proposições que são falsas. A filosofia de Aristóteles abordou a falácia como um sofisma, um raciocínio errado que tenta passar como verdadeiro, para enganar outras pessoas.

Em alguns casos, falácia também pode ser indicada como gritaria ou falatório, uma confusão causada pelo barulho de muitas vozes e/ou muitas versões de uma mesma informação.

Ao levar o estudo da falácia nas nove matérias estudadas, percebe-se que existem dos mais diversos pontos de vistas. Trazendo como exemplo uma das falas analisadas no artigo.

O pastor Kenaidy frisa: “Não é uma questão de religião, é uma questão de legalidade e direitos civis. O ambiente público é para todos. O artigo 20 da constituição diz que o rio é um bem da União, e como bem da União isso é inadmissível”.

Ao citar o artigo 20 da constituição, o pastor Kenaidy tenta mascarar o preconceito religioso diante da imagem de Iemanjá e Nego D’água presente no rio São Francisco. Trazendo também uma contradição ao dizer que “O rio é um bem da União” e afirmando que é inadmissível existir uma imagem de determinada religião presente no rio.

A contradição existe no ponto em que ele diz que o rio é de todos e ao mesmo tempo, diz que é inadmissível essa religião usa-lo para expor a imagem de suas crenças. Esquecendo-se também das ruas, que também é um bem da união e religiões cristãs, como o catolicismo e o protestantismo utilizam para professar e catequisar com sua fé.

O discurso intolerante é, sobretudo, um discurso de punição ao “*Outro*”, cujos representantes são reconhecidos pelo *Mesmo* como maus atores sociais, maus cidadãos - tratando-se então de *desnaturalizar* esse *Outro*. Segundo Diana Barros (1990), discursos preconceituosos surgem a partir de uma intolerância de base, predominante que domina as demais, como, por exemplo, no caso analisado neste artigo, que o preconceito as tradições provindas do continente africano, que pode ser considerado uma intolerância primária, em relação à intolerância quanto às religiões de matriz africana.

Uma quase conclusão

O discurso analisado mascara a intolerância de base por meio da manifestação de uma intolerância secundária, considerada mais aceitável, o preconceito religioso e sobreposto pelos valores éticos. Isso se torna mais claro quando o enunciador não se manifesta contrário a imagem da Bíblia na Avenida Clementino Coelho em Petrolina. Esculpida pelo artista plástico Lêdo Ivo, também artista das estatuas de *Mãe D'água* e *Nego D'água*.

Um objeto físico converte-se em signo, quando, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir em certa medida uma outra realidade. Pois a própria compreensão só pode surgir através de um material semiótico, ou seja, discurso interior (p. 33). Por isso os dois símbolos têm pesos diferentes para o enunciador.

A interação social exerce uma forte influência nas formas do signo, assim como a comunicação verbal é determinada pelas relações de produção e pela estrutura sócio-econômica. À medida que o signo ideológico refrata realidades diferentes, mais as classes sociais servem-se do mesmo signo. Segundo Bakhtin (2006, p.46), o código de comunicação é o mesmo, porém o índice de valor de cada signo varia de classe social a classe social.

A hierarquização da sociedade e as suas relações sociais, exerce forte influência nas formas de enunciação, em que os signos são dependentes pela organização social dos sujeitos e pelas condições em que a interação acontece.

O tratamento do “*Outro*” nas reportagens analisadas por diversas vezes é *assimilado* ou *reduzido* ao “*Mesmo*” já que em nove reportagens apenas uma se atenta a falar desse outro, nesse ponto a invenção do *Outro* só existe em decorrência do *Mesmo*, como um contra ponto.

REFERENCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo, editora HUCITEC, 12-edição, 2006.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro Semiótico*, 11/12, 1990, p. 60-63

PRADO, J. L. A. ; BAIRON, S. . A invenção do Outro na mídia semanal. In: Cláudia Lago; Marcia Benetti. (Org.). Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, v. , p. 251-278.

SIMON, Blackburn. Dicionários Oxford de Filosofia. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1997.

ANEXO: link das matérias:

<http://www.carlosbritto.com/polemica-continua-e-grupo-pede-providencias-contraintolerancia-religiosa-no-vale-do-sao-francisco/>

<http://www.carlosbritto.com/pastores-acionam-mp-para-retirar-esculturas-do-velho-chico-e-religioso-justifica-questao-de-legalidade-e-direitos-civis/>

<http://www.mtagora.com.br/gospel/pastores-acionam-mp-para-retirar-estatua-de-iemanja-do-rio-sao-francisco/106958496>

<http://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project/pastores-acionam-ministerio-publico-para-retirar-esculturas-de-iemanja-do-velho-chico-em-petrolina/>

<http://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project/alvo-de-pastores-estatua-de-iemanja-em-petrolina-deve-permanecer-no-rio-sao-francisco/>

<http://www.bahianoticias.com.br/justica/noticia/52747-pastores-pedem-ao-mp-retirada-de-escultura-de-iemanja-do-rio-sao-francisco.html>

<http://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2015/10/vereador-de-pe-atribui-seca-do-sao-francisco-estatua-colocada-no-rio.html>

<http://noticiasdesantaluz.com.br/vereador-diz-que-estatua-de-iemanja-causou-seca-no-sao-francisco/>

<http://ocontornodasombra.blogspot.com.br/2015/11/pastores-querem-retirar-estatua-de.html>